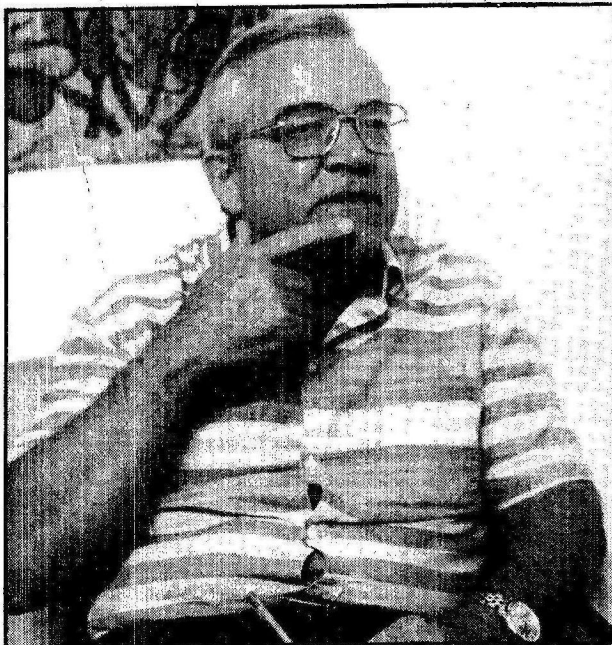




Munhoz vê a renegociação como política



Severo Gomes pede a prática do confronto

Munhoz defende a suspensão da negociação da dívida externa

O professor Dercio Garcia Munhoz, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), defendeu ontem, em entrevista ao **Jornal de Brasília**, a suspensão da negociação e dos pagamentos da dívida brasileira com os bancos norte-americanos até que fique mais transparente qual a posição do governo dos Estados Unidos com relação às novas restrições comerciais que aquele país está querendo impor ao Brasil em represália contra a política brasileira de informática.

A afirmação foi feita em sustentação da tese de que a renegociação da dívida externa deve ser política e negociada num contexto mais amplo, vinculando a dívida ao comércio exterior do País. Nesse sentido, ele criticou a forma pela qual o País está renegociando a sua dívida. «A negociação brasileira pretende basear-se apenas em fundamentação técnica e desconhece que é uma questão política. Teríamos que ter negociadores profissionais e uma discussão mais ampla internamente. Os técnicos

não podem encaminhar a negociação friamente, como estão fazendo», sustentou.

O professor disse que a renegociação atual desconhece a situação real do País. Ele exemplificou com o caso das pressões na área da informática, mostrando que se houver retaliações, elas reduzirão a possibilidade de o Brasil fazer saldos comerciais que lhe permitam pagar sua dívida. Por isso, na opinião dele, a questão tem que ser envolvida nas negociações. E, se houver a retaliação, o País deve suspender as negociações e seus pagamentos até obter elementos que lhe permitam avançar.

«Nós estamos vendo que a negociação desconhece a situação real e avança como se as pessoas tivessem o dom da sapiência. A dívida não tem solução por aí. Depende de um acordo grande e a maior parte depende da ação dos países credores, e não dos devedores», afirmou. Estes, na opinião de Dercio Munhoz, já mostraram toda a boa vontade possível, ao aceitarem «destruir as suas economias, empobrecer suas

populações, desorganizar-se internamente na tentativa de achar uma solução. Mais do que isso não se pode exigir dos países devedores».

Não pagar

O deputado Roberto Lopes, de Cuba, lembrou a tese do primeiro-ministro cubano Fidel Castro, de que a dívida não deve ser paga. Ele disse que a crise da dívida «é um sintoma de uma grande crise do sistema capitalista». Também defendeu uma nova ordem econômica internacional para acabar com a subdivisão do mundo entre nações ricas e pobres.

O senador Severo Gomes (PMDB-SP) disse que é preciso desenvolver a prática do confronto com os países credores, embora reconheça que esta é uma palavra muito temida. Ele explicou: «Não queremos uma guerra. Mas só podemos negociar se tivermos capacidade de confronto. Porque o confronto é da essência da economia de mercado. Precisamos desenvolver a nossa capacidade de contralar. Pois, caso contrário, só teremos imposições e fraquezas».